Mulheres Solteiras entre os Mekranotí - Kayapó

DENNIS WERNER

Um dos costumes destacados de vários grupos Jê da América do Sul é a presença de mulheres solteiras que mantêm relações sexuais com os homens da aldeia. Os Borôro (Crocker 1969), os Xerênte (Nimuendaju 1942), os Canela-Timbíra (Nimuendaju 1946) e os Kayapó (Vidal 1977) são todos conhecidos por terem tais mulheres, geralmente descritas como *wantons*[1] por Nimuendaju. Por que as mulheres se encaminham para este "tipo de vida" nestas sociedades? Numa tentativa de esclarecer esta questão, esta pesquisa visa a fornecer alguns dados sobre estas mulheres na sociedade Mekranotí-Kayapó do sul do Estado do Pará.

Os Mekranotí são um grupo de 285 índios constatados pela primeira vez em 1953 por Cláudio Villas-Boas. Este contato inicial foi breve. Somente em 1966, quando um missionário se mudou para a aldeia dos índios, é que os Mekranotí começaram a ter contatos mais regulares com o mundo "civilizado". A última expedição guerreira dos índios aconteceu em 1967 (um ataque contra os Kreen Akôre). Quando eu fiz minha pesquisa de campo em 1976-77, os Mekranotí ainda dependiam completamente dos produtos das roças e da caça e coleta para a sua subsistência. A ecologia do grupo está descrita em outros trabalhos (Gross et alli 1979; Werner et alli 1979; Werner s.d.). A organização sócio-política dos Mekranotí baseia-se em vários tipos de ligações pessoais (parentesco bilateral, sociedades de homens e mulheres, faixas etárias, amigos cerimoniais etc.). Descrições destas formas de organização social, juntamente com pesquisas sobre a liderança indígena, encontram-se em outros trabalhos (Werner 1980, 1981a, 1981b, s.d.a, s.d.b,

1 A palavra *wanton* significa "libertina". Mas ao contrário da palavra portuguesa, não tem uma conotação tão séria. Trata-se de uma palavra arcaica, pouco usada, e que hoje em dia parece um pouco cômica.

s.d.c). As *wantons* Mekranotí diferem em certos aspectos das *wantons* de outros grupos indígenas na América do Sul. E embora haja certas similaridades, é importante assinalar que esta pesquisa se limita ao caso Mekranotí. Para destacar as diferenças entre os Mekranotí e outros grupos, começo com uma descrição das *wantons* nas sociedades Xerênte e Borôro.

Entre os Xerênte, uma mulher poderia se tornar uma *wanton* se fosse seduzida por um homem que depois não quisesse casar-se com ela (Nimuendaju 1942 : 28). Também uma menina poderia se tornar *wanton* se uma das sociedades de homens lhe oferecesse presentes de miçangas de scleria, plumas de arara ou flechas. Neste caso, o tio materno da menina a levava para a sociedade de homens e dava-lhe escolha de se casar ou se tornar uma *wanton* da sociedade dos homens (Nimuendaju 1942 : 63). Se a menina aceitasse o *status* de *wanton,* ela poderia ter relações sexuais com todos os homens da sociedade, embora relações sexuais com os homens da outra metade da aldeia fossem tabu (Nimuendaju 1942 : 16). Em certos casos, parece que o *status* de *wanton* era desprezado entre os Xerênte. Uma viúva que se tornava *wanton* era muito criticada e os parentes do marido morto se apropriavam de todos os bens que ela herdara dele. Por outro lado, uma *wanton* Xerênte, pelo fato de ser uma *wanton,* tinha papéis especiais em certas cerimônias, como a de máscaras, *Padi.*

Os Borôro também são conhecidos pelas mulheres jovens que se associam às metades de homens nas suas aldeias e que têm relações sexuais com os homens (Crocker 1969). Entre os Borôro, os solteiros de uma metade selecionam jovens (sem filhos) da metade oposta. A menina escolhida e os seus parentes podem ter objeções, mas como esta escolha é um direito dos solteiros, não podem fazer nada. Estas meninas têm relações sexuais com os solteiros, relações que são muito comentadas dentro da aldeia. Embora se considere ilícito, as jovens também têm relações sexuais com homens casados. Mas, diferentemente do caso dos Xerênte, quando as meninas Borôro ficam grávidas, elas têm que se casar com um dos solteiros, o que põe fim ao seu papel de "associada da casa dos homens".

Entre os Mekranotí-Kayapó, também há mulheres (chamadas *kupry* em Kayapó) que são conhecidas por suas relações sexuais com os homens da aldeia. Mas, ao contrário da situação dos Xerênte e dos Borôro, as *kupry* não estão ligadas às sociedades de homens. O papel de *kupry* não está cercado de ritos especiais. Assim, o *status* destas mulheres parece menos "oficial" que entre os Xerênte ou os Borôro. Entre os Me-

kranotí, uma mulher se torna *kupry* simplesmente pelo fato de ter uma criança sem ser casada. Uma jovem que tem um filho e depois não consegue casar-se, torna-se *kupry*. Uma mulher que tem filhos e que depois se divorcia ou fica viúva, não é considerada uma *kupry*. Mas se mais tarde, ela tem uma criança sem estar casada, ela se torna *kupry*. Com o casamento, a mulher *kupry* muda o seu *status* e torna-se "esposa". Assim, uma mulher de qualquer idade pode ser *kupry*. Entre os Mekranotí, o papel de *kupry* não está ligado à idade da mulher (a correlação entre idade e *status* de *kupry* é de 0,02, $p > 0,05$).

A presença de solteiras entre os Mekranotí parece estar muito ligada à situação demográfica da aldeia. Em grande parte por causa da alta mortalidade de homens em guerras (Werner 1980), há um excedente de mulheres adultas entre os Mekranotí — 73 mulheres adultas contra 63 homens adultos. Este excesso de mulheres, juntamente com o costume da monogamia, impossibilita o casamento de todas as mulheres — isto, mesmo com um sistema de casamento bastante flexível que permite muitos divórcios e muita ambigüidade. Mas, quais as mulheres que se tornam *kupry*, e por que? Mais tarde gostaria de responder a estas perguntas para dar uma idéia melhor do que significa este papel na vida dos Mekranotí. Mas antes de falar das solteiras, é preciso falar um pouco sobre o que é o casamento entre os Mekranotí.

CASAMENTOS MEKRANOTÍ

Não é sempre fácil reconhecer o que é um casamento entre os Mekranotí. Os pais, às vezes, arranjam um casamento para seus filhos quando estes são ainda crianças. Mas este casamento não precisa realizar-se. Mais tarde, quando um jovem passa pela puberdade e recebe o estojo peniano (tornando-se *norny* no sistema de faixas etárias Mekranotí), ele pode ter relações sexuais com qualquer menina da aldeia, desde que ela não seja parente. Ele chamará a sua parceira sexual de "esposa", (*prõ*) não importa quem seja. E ela o chamará de "marido" (*mjêt*). Os dois podem ter relações sexuais no mato ou, às vezes, o rapaz vai dormir na casa da menina. Hoje, com a introdução de redes nas aldeias, os jovens gostam de colocar suas redes na casa da "esposa" para nela namorar.

Alguns jovens não recebem "esposas" na infância, e outros não gostam da "esposa" arranjada pelos pais. Assim, a maioria dos jovens prefere escolher suas próprias "esposas". Também é possível para os jovens mudar de namoradas. Uma das di-

versões preferidas dos rapazes e das meninas é adivinhar quem é a "esposa" ou o "marido" dos amigos. Os comentários sobre os parceiros sexuais são sempre cheios de malícia. Os rapazes gostam de dizer que os seus amigos têm como "esposa" uma menina com uma vagina grande ou "fraca" ou, às vezes, dizem que a esposa é uma das velhas da aldeia. Por outro lado, as meninas acusam as suas amigas de ter como "marido" um homem com um pênis grande.

Uma menina já púbere, mas que ainda não teve filhos, é chamada de *kurerer* ou *kurere-ti*. Não é considerada uma *kupry*, mesmo que tivesse tido muitas experiências sexuais com muitos rapazes diferentes. As *kurerer* compreendem uma faixa etária preferida dos Mekranotí. São muito procuradas para relações sexuais e, talvez por isto, gozem de uma liberdade com os homens de que poucas na aldeia podem desfrutar. Elas costumam pedir coisas dos homens — carne, enfeites, etc. — que as outras pessoas teriam vergonha de pedir.

Os jovens (*norny*) também gozam de certas liberdades, mas de outra forma. Eles não exigem os mesmos privilégios econômicos que as meninas, mas gozam de liberdade com as *kurerer*. Uma vez, durante a minha pesquisa de campo, vi dois *norny* pegar à força uma *kurerer* e levá-la para o mato onde, segundo o que se falava, foi estuprada. Os adultos que viram a cena não fizeram nada, pois isto era "uma coisa de jovens".

Quando uma *kurerer* fica grávida, geralmente o seu "esposo" aceita ser o pai da criança a nascer. Pouco depois do parto, os Mekranotí têm uma cerimônia (*py-te*) para celebrar a passagem do jovem para o *status* de "pai" (*kra-re*) e da mocinha para o *status* de "mãe" (também *kra-re*). Esta cerimônia confirma o "casamento" dos jovens. Esta confirmação nem sempre é procurada pelos pais da criança. Numa cerimônia a que assisti em 1976, o *norny* que passava pela cerimônia, claramente, não a queria. Os índios diziam que ele era jovem demais para ser pai e que não sabia caçar suficientemente bem. Por outro lado, a mocinha estava gostando muito da idéia de confirmar o casamento com o rapaz. Nas semanas antes da cerimônia, os índios comentavam que os dois formavam um casal e a mocinha dizia que o rapaz era seu marido, mas o jovem insistia que ela não era sua "esposa". Contudo, depois da cerimônia, o rapaz aceitou o *status* de "pai", embora tentasse evitar o assunto se alguém o mencionava.

O nascimento de filhos pode confirmar um casamento, mas, ainda assim, não é sempre fácil reconhecer se algumas pessoas estão casadas ou não. Num caso que observei, houve

uma briga entre um casal. O marido retirou algumas das suas coisas da casa da mulher (os Mekranotí são matrilocais) e as colocou na casa do seu pai. Quando perguntei se ainda estava casado, ele disse que não. Por sua vez, a mulher respondeu que sim, estavam casados. O *status* dos dois ficou ambíguo durante várias semanas, pois ele estava dormindo na casa dos homens, devido a um tabu sexual depois do último parto da mulher. Mais tarde, o jovem colocou, de novo, as suas coisas na casa da mulher e a situação se normalizou.

Outro caso trata do assunto de infidelidade. Ora, as relações sexuais fora do casamento são muito comuns entre os Mekranotí. Geralmente as pessoas não se preocupam muito com estas infidelidades. Mas, uma vez, um homem descobriu que um outro estava tendo relações sexuais com a sua mulher dentro da sua própria casa. Sentindo-se, assim, insultado, ele foi para o centro da aldeia e colocou, publicamente, as suas reivindicações. Se o outro gostava tanto da sua mulher, disse ele, poderia ficar com ela. Como o outro não a queria como mulher, quase surgiu uma briga. Felizmente, discursos de vários líderes velhos da aldeia conseguiram acalmar os dois homens. Mas, durante vários meses, o problema ficou sem resolução. Um dos meus informantes (que também tinha relações sexuais com esta mulher) disse-me que ela não sabia o que queria. Não sabia de qual dos homens ela gostava mais. E não sabia se queria se tornar uma *kupry*. Ninguém podia dizer se a mulher estaca "casada" ou não, ou quem seria o seu esposo.

Embora às vezes exista certa ambigüidade quanto a casamentos, geralmente, depois do nascimento de filhos, fica claro se uma mulher ou um homem está casado ou não. Na época em que fiz as minhas pesquisas, todos os homens que tinham tido filhos (com exceção de um velho) estavam casados. A exceção era um homem branco de cabelos vermelhos, roubado quando ainda criança de um povoado brasileiro ao sul de Altamira. Ele tinha sofrido de tuberculose e era fraco. Raramente saía para caçar.

Por outro lado havia muitas mulheres com filhos que não eram casadas. Algumas eram viúvas ou divorciadas e não eram consideradas *kupry*, mas 13 delas eram *kupry*. Uma *kupry* pode ter relações sexuais com qualquer homem da aldeia, desde que ele não seja um parente, com quem essas relações são tabu. Geralmente, elas moram com as irmãs ou com as filhas. Num caso, uma *kupry* velha na aldeia Mekranotí só teve um filho que, depois de se casar, foi morar na casa da sua mulher, deixando a mãe sozinha em casa.

POR QUE UMA MULHER SE TORNA *KUPRY*?

Os Mekranotí reconhecem o *status* de *kupry* como sendo uma "escolha" da mulher em questão. Mas por que uma mulher faria esta opção? No caso dos Xerênte, Nimuendaju (1946a : 63) diz que uma menina poderia se associar à casa dos homens se estivesse impressionada com os presentes formais que estes haviam oferecido. Mas, embora os índios Xerênte e Borôro dêem presentes para as *wantons* de suas sociedades de homens, os Mekranotí não oferecem presentes formais. As *kupry* Mekranotí só recebem presentes "informais" dos namorados. Quando um homem tem relação sexuais com uma *kupry*, geralmente, dá-lhe uma coisa — um pedaço de carne, ou um pouco de mel e, hoje em dia, miçangas. Presentes de artesanato são mais difíceis, uma vez que a mulher do homem em questão desconfiaria. Mas, mesmo assim, um *survey* de bens na aldeia mostrou que as *kupry* têm uma probabilidade mais alta de obter pacotes (ou malas, hoje) que os Mekranotí penduram no telhado para guardar as suas coisas. A maioria das mulheres casadas nem tem tais pacotes — pois estes pacotes ficam com os maridos. Será que uma mulher se torna *kupry* pela atração dos presentes que pode receber? Voltarei mais tarde a esta questão, mas, antes, devo assinalar outro fato sobre os bens materiais das *kupry*.

Embora as *kupry* tenham mais "pacotes" do que as outras mulheres, elas, geralmente, têm menos panelas. Enquanto as mulheres não *kupry* têm uma média de 2,0 panelas, as *kupry* têm uma média de só 1,3. (Estas diferenças são estaticamente significativas.) Provavelmente, isto se deve ao fato de ser difícil explicar de onde vem uma panela, que é uma coisa grande e de valor para uma mulher Mekranotí, enquanto outros bens — como miçangas — são mais fáceis de dar como presentes. Assim, parece que, tornando-se *kupry*, uma mulher poderia ganhar certas vantagens materiais (miçangas), mas perderia outras (panelas).

Tempo adicional de lazer também não parece ser uma vantagem para as *kupry*. Medidas do uso de tempo dos indivíduos Mekranotí (ver Werner et al. 1979 e Gross et al. 1979) mostraram que não existem diferenças entre as *kupry* e as outras mulheres em horas passadas em trabalhos gerais, trabalho de roça, trabalhos de coletar produtos da floresta, ou o trabalho de cuidar de crianças. Se existem diferenças no trabalho de mulheres *kupry* e outras mulheres, parece que as *kupry* são as desprivilegiadas. Enquanto as mulheres casadas podem depender dos maridos para derrubar as suas roças para plantar, as

mulheres sem maridos, às vezes, precisam derrubar as suas próprias roças. No ano em que eu fiz o meu trabalho de campo, duas mulheres — uma viúva de mais de 70 anos e uma *kupry* com quatro crianças — derrubavam as suas próprias roças, enquanto que nenhuma das mulheres casadas precisam fazer isto.

Numa pesquisa nos Estados Unidos, Spreitzer e Riley (1974) argumentam que a experiência de morar com uma família pode influir nas expectativas de uma pessoa quanto à formação da sua própria "família". Estes pesquisadores mostram que os "filhos únicos" nos Estados Unidos têm uma probabilidade mais alta de ficar solteiros durante a vida toda. Esta pesquisa se torna mais interessante quando é juntada à pesquisa de Bowers (1965), que mostrou que existe a mesma relação numa sociedade mais simples no vale do Kaugel da Nova Guiné, onde os solteiros permanentes também têm uma probabilidade mais alta de serem filhos únicos. Porém, este argumento não poderia explicar o caso das *kupry* Mekranotí, pois estas mulheres não diferem das outras quanto ao número de irmãos ($r=0{,}04$; $p>0{,}05$) ou irmãs ($r=0{,}09$; $p>0{,}05$).

Embora Crocker (1969) tenha caracterizado as associadas da casa dos homens Borôro como "prostitutas", Bloemer (1980), numa contestação, nota que as mães Borôro, às vezes, dizem que gostariam que as suas filhas se associassem à casa dos homens. Bloemer cita vários papéis rituais que desempenham estas meninas e argumenta que o papel de associada à casa dos homens poderia ser prestigiado. Mas as *kupry* Mekranotí não têm tais papéis rituais. Parece que nem aparecem nos mitos Kayapó. Nos 47 mitos coletados por Lukesch (1976), nos 56 por Vidal (1977) e nos 32 por Banner (1957) não aparece nenhuma vez uma mulher *kupry*. Talvez por isto, as *Kupry* não desfrutam de muito prestígio. Em outras pesquisas (Werner 1980, 1981a, 1981b), de uma amostra aleatória de adultos Mekranotí (mulheres e homens), eu pedi os nomes de dez mulheres com poder de influência, dez mulheres inteligentes, dez mulheres que sabiam muito, dez mulheres bonitas, dez mulheres generosas e dez mulheres que gostam de ter relações sexuais com homens diferentes.[2] Com os "votos" recebidos sobre estas questões, pude codificar todas as mulheres da

---

2 Estas áreas de prestígio foram distinguidas apenas para dar uma visão mais ampla do prestígio Mekranotí. Em outras pesquisas (Werner 1981a), eu notei as correlações entre várias áreas de prestígio. Assim, o poder de influência está ligado às reputações de inteligência, de generosidade e de conhecimento. A reputação de beleza, porém, não está vinculada às outras áreas de prestígio. Uma discussão sobre as idéias Mekranotí de beleza exigiria outro trabalho.

aldeia quanto a estas características diferentes. Na maioria dos casos, as *kupry* recebiam um número de "votos" não diferente (estatisticamente) das outras mulheres. Não se diferenciavam em termos de poder de influência ($r=-0,15$; $p>0,05$), inteligência ($r=-0,13$; $p>0,05$), conhecimentos ($r=-0,07$; $p>0,05$) ou generosidade ($r=-0,14$; $p>0,05$). Mas as *kupry* tinham reputação de gostarem mais de ter relações sexuais com homens diferentes ($r=0,48$; $p<.001$), de serem mais preguiçosas ($r=0,37$; $p>0,01$) e de serem menos bonitas ($r=-0,26$; $p>.05$). Também perguntei a todos os adultos Mekranotí (homens e mulheres) os nomes de duas pessoas com as quais eles gostavam de trabalhar durante o dia e duas pessoas com as quais eles gostavam de conversar nas horas de lazer à noite. As *kupry* não se diferenciavam de outras mulheres no número de votos que recebiam como amigas para conversar ($r=-0,00$; $p>.05$), mas recebiam menos votos como amigas de trabalho ($r=-0,25$; $p<.05$). O que se mostra com estes "votos" é que, onde existem diferenças, parece que as *kupry* são menos prestigiadas que as outras mulheres.

Estas observações nos levam a um outro fator, talvez importante, na "escolha" do papel de *kupry*. Talvez as *kupry* "escolham" este papel porque não têm alternativas. Este argumento se apóia em outro fato da vida Kayapó: dificilmente uma mulher roubada de outro grupo de índios poderia se casar. Na aldeia atual dos Mekranotí, há uma *kupry* velha roubada dos índios Tapirapé numa expedição guerreira em 1947. Também há duas meninas Kreen Akrôre roubadas em 1967. Uma destas estava grávida quando eu saí do campo em 1977. Era evidente que ela não conseguiria um marido. Será que as outras *kupry* também são atraídas para a vida de *kupry* por falta de alternativas melhores? Bowers (1965) nota que os solteiros que ela pesquisou geralmente vinham de grupos mais pobres na Nova Guiné. As diferenças de riqueza entre os Mekranotí são mínimas; assim, a pobreza em si não parece ser capaz de explicar a situação das *kupry*. Mas há outros fatores no passado de uma pessoa que poderiam influir no encaminhamento para a vida de *kupry*. Banner (1961) notou a infelicidade que pode resultar da perda da mãe na vida Kayapó. Ele descreve um incidente em que uma criança foi enterrada viva quando morreu a sua mãe e descreve a vida mais dura de outros orfãos Kayapó. Embora os meus dados sejam apenas impressionistas, também observei o caso de uma menina órfã na aldeia Mekranotí. Em contraste com as outras crianças, ela passava mais tempo trabalhando (cuidando de crianças menores, ou fazendo tarefas como buscar comida de outras casas para levar para a família).

Dificilmente ela era pintada como as outras meninas da sua idade. Será que o fato de ser órfã poderia, também, encaminhar uma mulher ao papel de *kupry*?

QUADRO I

	Mãe morreu quando criança	Mãe Não Morreu
Mulher *kupry*	6	7
Mulher não *kupry*	7	53

Chi-Quadrado = 8,8 $p < 0{,}01$
Chi-Quadrado (correção de Yates) = 6,6 $p < 0{,}05$

A dois informantes velhos da aldeia perguntei sobre a vida passada de todos os Mekranotí. Uma das perguntas tratava da perda da mãe ou do pai antes de a pessoa se tornar adulta. O quadro I mostra que nem todas as *kupry* perderam a mãe quando ainda crianças, mas a probabilidade de se tornar uma *kupry* era mais alta para quem perdeu a mãe. Só onze por cento (7 de 60) das mulheres que não perderam a mãe se tornaram *kupry*, mas 46 por cento (6 de 13) das mulheres que perderam a mãe se tornaram *kupry*. A probabilidade de esta correlação aparecer, se não existisse nenhuma relação entre estas duas variáveis, é de menos de um em vinte. (É de notar que o papel de *kupry* não está ligado à perda do pai quando ainda criança. talvez isto se deva ao fato de a mãe ser mais importante para o *status* de uma criança numa sociedade matrilocal, ou ao fato de os casamentos serem tão ambíguos de maneira que o pai se torna menos importante. Seria interessante pesquisar sociedades patrilocais para ver se se obtêm os mesmos resultados.

O quadro II mostra outro fator do passado de uma mulher que talvez influencie no seu encaminhamento ao papel de

QUADRO II

	Sem nome cerimonial	Com nome Cerimonial
Mulher *kupry*	13	0
Mulher não *kupry*	41	13

Chi-Quadrado = 3,9 $p < 0{,}05$
Chi-Quadrado (correção de Yates) = 2,6 $p > 0{,}05$

kupry. Gustaaf Verswijver (comunicação pessoal), generosamente forneceu-me dados sobre quem recebeu nomes cerimoniais (*idji mex*) entre os Mekranotí e quem não recebeu. Estes nomes são dados às crianças durante cerimônias complexas entre os Mekranotí (Verswijver 1981) e podem influir, mais tarde, na vida de uma pessoa. As mulheres que recebem estes nomes, por exemplo, geralmente têm mais poder de influência do que outras mulheres ($r=0,30$; $p<0,02$). (Para os homens, porém, estes nomes cerimoniais não parecem influir na aquisição de poder de influência ($r=0,05$; $p>.05$). Verswijver não tinha informações sobre todas as mulheres Mekranotí, mas aquelas permitiram-me construir o quadro II, onde se mostra que nenhuma das mulheres que se tornou *kupry* tinha recebido um nome cerimonial quando criança. Esta correlação é fraca, não chegando a nível significativo com a correção estatística de chi-quadrado de Yates, mas deixa aberta a possibilidade de que este fator também pudesse talvez, influir no encaminhamento de uma mulher para o *status* de *kupry*.

CONCLUSÃO

Os resultados desta pesquisa indicam que as *kupry* são mulheres desprivilegiadas na sociedade Mekranotí. Quem passa a juventude com a mãe tem maiores chances de conseguir um marido, e quem recebe um nome cerimonial, dificilmente se torna *kupry* e perde prestígio. Seria, talvez, interessante especular um pouco sobre por que a perda de uma mãe ou a falta de um nome cerimonial encaminharia uma menina para a vida de *kupry*. Uma possibilidade é que a mãe poderia exercer uma influência forte na obtenção de um marido para a filha. Mas eu duvido deste argumento. Os jovens não seguem com facilidade os casamentos arranjados pelos pais e, de qualquer maneira os casamentos nem sempre são muito estáveis.

Talvez uma investigação de fatores psicológicos fosse mais produtiva na explicação do encaminhamento de mulheres para a vida de *kupry*. Não avaliei os estados psicológicos das mulheres *kupry* Mekranotí, mas é possível que elas se considerem inferiores às outras mulheres. Provavelmente, quando ainda crianças, não conseguiam ser pintadas com a mesma regularidade ou terem tanta atenção como as outras crianças que tinham mães. Por causa disto, as outras crianças, sem dúvida, as julgariam como mais "feias", um julgamento que poderia afetar a auto-avaliação da criança. Esta auto-avaliação poderia continuar quando ela se tornasse adulta. Julgando-se mais feia,

uma menina, de fato, ficaria mais feia frente aos outros da aldeia. A falta de nome cerimonial nada ajudaria para que ela se visse bonita.

Outro fator poderia, também, ser importante. Embora as mulheres *kupry* tenham menos panelas do que as outras mulheres, elas gozam de mais "pacotes" com enfeites — sobretudo para as crianças. Será que a falta de tais enfeites quando ainda criança incentiva uma mulher a se tornar *kupry* para poder receber enfeites dos namorados? Talvez o desejo de "compensar" por uma falha da sua própria juventude estimule uma mulher a buscar maneiras de evitar tais falhas para as suas próprias filhas. Somente com mais informações poderíamos resolver estas questões.

Muitas vezes, os antropólogos gostam de salientar as diferenças que existem entre uma instituição na sociedade ocidental e uma instituição "parecida" numa sociedade indígena. Esta tendência relativista tem se mostrado muito produtiva na antropologia. Mas, às vezes, devemos também reconhecer as similaridades. Os dados Mekranotí mostram que as *kupry* Mekranotí têm certas coisas em comum com solteiros de outras sociedades (como os solteiros da Nova Guiné e talvez com solteiros na sociedade moderna que também são desvalorizados frente ao público e à lei — por exemplo, a necessidade de ser casado para ser fiador no Brasil). Talvez as mulheres modernas mais parecidas às *kupry* Mekranotí sejam as prostitutas. Ora, as *kupry* Mekranotí diferem das prostitutas nas sociedades modernas em vários aspectos das suas vidas. Por exemplo, as *kupry* Mekranotí não vivem separadas das suas famílias e não vivem sob o olhar de um homem que as "protege" e tira o seu dinheiro, as *kupry* continuam a fazer todos os trabalhos normais que fazem as outras mulheres das suas aldeias — não se especializam, exclusivamente, em "serviços sexuais". Mas, em outros aspectos, os dois papéis assemelham. Em ambos os casos, as mulheres recebem remuneração pelas atividades sexuais, vêm de ambientes desprivilegiados e são menos valorizadas que as mulheres casadas (Pereira 1976). Também se poderia verificar que algumas prostitutas nas sociedades ocidentais vivem com as suas famílias, não têm homens para "protegê-las" e continuam fazendo os mesmos trabalhos que fazem as outras mulheres (Pereira 1976) — ou seja, a caracterização de prostitutas ocidentais também não deve ser exagerada. Assim, as *kupry* Mekranotí poderiam ter muito em comum com estas outras mulheres. Às vezes, uma tentativa de "proteger" as sociedades indígenas leva a exageros sobre suas virtudes

e as falhas da sociedade moderna. Quem perde nestas comparações, geralmente é um grupo minoritário da sociedade moderna. Não devemos cair neste erro de um suposto "relativismo" cultural.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa está baseada em dados colhidos em pesquisas de campo em 1976-77 com apoio financeiro do *National Science Foundation*, bolsas BNS 76-03378, BNS 78-25295 e BNS 78-24706. Eu agradeço a todas as pessoas que me ajudaram nesta pesquisa, inclusive: N. Bloemer, A. Nacke, D. R. Gross, C. R. Ember, N. Flowers, M. Ritter, G. Verswijver, R. Amaral, Sr. Guilherme, R. Thomson, M. Stout, K. Jefferson, G. Zarur, L. Vidal, R. Cardoso de Oliveira, G. Dias, R. de Barros Laraia, D. Montagner Melatti, J. Melatti, A. Ramos e K. Taylor.

BIBLIOGRAFIA

BANNER, Horace. "Mitos dos índios Kayapó", *Revista de Antropologia* 5 (1) : 37-66, 1957

————. "O índio Kayapó em seu acampamento", in *Boletim do Museu Paraense, Emilio Goeldi*, Belém, *12* : 1-49, 1961.

BLOEMER, Neusa. "Análise crítica do artigo: Men's House Associates among the Eastern Bororo". Trabalho apresentado ao departamento de Ciências Sociais: Universidade Federal de Santa Catarina, 1980.

BOWERS, Nancy. "Permanent Bachelorhood in the Upper Kaugel Valley of Highland New Guinea". *Oceania, 36* (1), 1965.

CROCKER, Christopher J. "Men's House Associates Among the Eastern Bororo". *Southwestern Journal of Anthropology, 25* (3) : 236-260, 1969.

GROSS, D., et alli. "Ecology and Acculturation among Native Peoples of Central Brazil". *Science 206* (4422) : 1043-1050, 1979.

LUKESCH, Anton. *Mito e Vida dos Índios Caiapós.* São Paulo, Guazzelli, 1976.

MINUENDAJU, Curt. *The Sherente.* Los Angeles,Publications of the Frederick Webb Hodge Anniversary Publications Fund 1942.

————. *The Eastern Timbira.* University of California Publications in american Archeology and Ethnology, 41, Berkeley: University of California Press, 1946.

PEREIRA, Armando. *Prostituição: uma Visão Global.* Rio de Janeiro, Pallas, 1976.

SPREITZER, Elmer, & RILEY E. Lawrence. "Factors Associated with Singlehood". *Journal of Marriage and the Family, 36* (3) : 533-541, 1974.

VERSWIJVER, Gustaaf. "Naitre, vivre et mourir". In: *Actualité de Van Gennep Musee d'ethnographie Neuchatel,* p. 95-118, 1981.

VIDAL, Lux B. *Morte e Vida de uma Sociedade Indígena Brasileira: os Kayapó-Xikrin do Rio Cateté.* São Paulo, Editora Hucitec, Editora da Univ. de São Paulo, 1977.

WERNER, Dennis. The Making of a Mekranoti Chief: The Psychological and Social Determinants of Leadership in a Native South American Society. Ph.D. dissertation, City University of New York, 1980.

————. "Gerontocracy among the Mekranoti Brazil", in: *Anthropological Quarterly, 54* (1) : 15-27, 1981a.

————. "Are Some People more Equal than Others?: Status Inequality among the Mekranoti Indians of Central Brazil". *Journal of Anthropological Research. 37* (4) : 360-373, 1981b.

————. "Chiefs and Presidents: A Comparison of Leadership Traits in the United States and among the Mekranoti-Kayapo of Central Brazil". *Ethos: Journal of the Society for Psychological Anthropology, 10* (2) : 136-148, 1982.

————. "Leadership Inheritance and Acculturation among the Mekranoti of Central Brazil" *Human Organization 41* (4) : 342-345, 1982.

————. "Why do the Mekranoti Trek?" In: HAMES, R. & VICKERS, W. Ed. *Adaptive Responses of Native Amazonians.* New York, Academic Press, p. 225-38, 1983.

————. "Child Care and Influence among the Mekranoti of Central Brazil", in: *Sex Roles,* no prelo.